

Mais uma década de sangue derramado em vão

Não saberia dizer se o ser humano é o único animal que mata por prazer (sempre me perguntei se as hienas riem de gosto ou de desgosto pela constatação de sua própria natureza). Mas certamente somos uma espécie que liquida seu semelhante pelos motivos mais idiotas e levianos, que ultrapassam a busca pela sobrevivência dos animais ditos selvagens.

Temos especial prazer em destruir o diferente, aquilo que não entendemos ou que cisma em ser uma pedra no sapato da “normalidade” ou da “inexorável” marcha do progresso. Nessa toada, nos últimos dez anos, o país assistiu centenas de assassinatos de trabalhadores rurais, indígenas, quilombolas, ribeirinhos em conflitos agrários (e daqueles que ousaram os ajudar), massacres de sem-teto, mortes de homossexuais. Muitas vezes sob o nosso silêncio cúmplice, outras vezes com o endosso de sorrisos de cantos de boca diante de notícias de tragédias ou mesmo com a anuência de piadas maldosas contadas em rodas de amigos – sempre com o complemento “mas é só uma brincadeira, vocês sabem”.

Separei cinco exemplos dos dez últimos anos que ajudam a entender que país é esse que tem vergonha de respeitar a vida e os direitos humanos e que gosta mesmo é de sangue.

1) A chacina de Unai

No dia 28 de janeiro de 2004, quatro funcionários do Ministério do Trabalho e Emprego foram assassinados durante uma fiscalização rural na região de Unai, Noroeste de Minas Gerais. Seis meses depois, a Polícia Federal afirmou ter desvendado o crime, com a prisão e indiciamento de envolvidos, que incluíam os irmãos Norberto e Antério Mânica, família que é uma das maiores produtoras de feijão do país. Até hoje, ninguém foi julgado e a maioria está respondendo o processo em liberdade. Nesse meio tempo, Antério foi eleito e reeleito prefeito de Unai e condecorado pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

2) A emboscada de Dorothy Stang

Em fevereiro de 2005, a missionária norte-americana naturalizada brasileira Dorothy Stang foi assassinada com seis tiros – um deles na nuca – aos 73 anos, em uma estrada vicinal de Anapu (PA). Ela enfrentava ameaças de morte de fazendeiros da região, descontentes com sua defesa dos Programas de Desenvolvimento Sustentável como modelos de reforma agrária na Amazônia. Dois fazendeiros foram condenados a 30 anos de cadeia por serem os mandantes do crime – Vitalmiro Bastos de Moura e Reginaldo Pereira Galvão, após um vai e vêm de anos de julgamentos. Estão recorrendo, o segundo em liberdade.

3) A morte da população de rua em São Paulo

Em uma madrugada de agosto de 2004, moradores de rua foram espancados no Centro de São Paulo, na região do largo São Bento, praça João Mendes e rua 15 de Novembro. Sete não resistiram e morreram em decorrência dos ferimentos. Policiais militares e seguranças privados foram apontados como responsáveis, formando uma espécie de grupo de extermínio. Até agora, apenas um deles foi julgado e condenado – e recorrendo. De acordo com os policiais que atuaram na investigação do crime, as vítimas foram atingidas com pauladas na cabeça – portanto, os executores tinham clara intenção de matar.

4) O assassinato covarde da intolerância

(Observação: eles acontecem às pencas, mas muitas vezes não são registradas como tal.)

Conforme relato do site Vírgula, o assassinato de Edson Nérís da Silva, caso que virou emblemático, completou dez anos em fevereiro deste ano. Edson, que era adestrador de cães, passeava de mãos dadas com seu companheiro na Praça da República, região tradicionalmente frequentada por gays, quando foi surpreendido por um grupo neonazista. Ele foi cercado e brutalmente agredido com chutes e golpes de soco-

inglês. A Polícia chegou a deter 18 suspeitos, sendo duas mulheres. No julgamento, alguns receberam penas brandas por somente participar do ataque, já outros foram condenados a 21 anos de prisão por crime de formação de quadrilha e homicídio triplamente qualificado. Beneficiados pela progressão das penas, todos já estão em liberdade.

5) O genocídio Guarani Kaiowá

Nos últimos dez anos, o Brasil tem conseguido transformar essa nação indígena em lenda de livros de história. Os guarani kaiowá do Mato Grosso do Sul enfrentam a pior situação entre os povos indígenas do Brasil, apresentando altos índices de suicídio e desnutrição infantil. O confinamento em pequenas parcelas de terra por conta do avanço do agronegócio no estado é uma das razões principais para a precária situação do povo. Em 2009, pelo quinto ano consecutivo, o Estado do Mato Grosso do Sul concentrou a maioria dos assassinatos de indígenas no país. Das 60 mortes registradas em 2009, 33 ocorreram por lá. Isso sem contar os suicídios de quem não vê opções. De acordo com os registros, a maior partes dos assassinatos está diretamente relacionada com a disputa pela terra ou pelos recursos naturais. Mesmo em reservas já homologadas, os fazendeiros-invasores se negam a sair.

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em Ciência Política.

Cobriu conflitos armados e o desrespeito aos direitos humanos em Timor Leste, Angola e no Paquistão. Já foi professor de jornalismo na USP e, hoje, ministra aulas na pós-graduação da PUC-SP. Trabalhou em diversos veículos de comunicação, cobrindo os problemas sociais brasileiros. É coordenador da ONG Repórter Brasil e seu representante na Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo.